



A Tragédia do Euro

Philipp Bagus

Prefácio de Jesús Huerta de Soto

Tradução de Leandro Augusto Gomes Roque

Campinas: VIDE Editorial, 2012. (266 páginas)

ISBN: 9788562910050

Quando a Europa resolveu que chegara a hora da unificação monetária, havia a impressão de existirem dois caminhos diferentes para o Euro percorrer, e que os defensores de uma moeda forte e austera poderiam se impor àqueles com impulsos para gastos desenfreados. Porém, a queda-de-braço era apenas factuada. Na gênese do Euro, já estava pavimentada a trilha inflacionária, de investimentos alicerçados sobre sinais mercadológicos ilusórios, bolhas e recessões. Trilha essa contrária à histórica posição adotada pelo Banco Central alemão, responsável pela preservação da moeda mais forte da Europa até então – o Marco. No entanto, o modelo vencedor, perdulário, esgota-se a passos rápidos e já demonstra ser insustentável, pelo que é necessário desenvolver alternativas ou preparar-se para as consequências. Essa, ao menos, é a tese superficial do livro *A Tragédia do Euro* de Philipp Bagus, um economista alemão radicado na Espanha. A obra, porém, não se limita apenas ao que se encontra visível. Subjacente aos sólidos argumentos de teoria econômica aplicada está aquela que efetivamente é a preocupação de Bagus, a experiência motivadora que o impeliu a produzir a obra e a qual ele pretende contar. Ao fim, *A Tragédia do Euro* refere-se mais a uma tragédia do que ao Euro¹.

No livro *A Tragédia do Euro*, o personagem principal não é o Euro. A obra de Bagus almeja desmistificar a compreensão de que o rumo do Euro é trágico, quando, de fato, a si-

tuação da moeda está dentro da lógica de sua criação. Bagus, consciente ou inconscientemente, nega seu próprio título. Acaba sendo perfeita a ironia. Afinal, o Euro não existe no vácuo, mas sim como um símbolo do *ethos* europeu dominante na atualidade: a real fonte do problema. Como o sucesso do Euro é dependente do sucesso da Europa e não o contrário, o protagonista do livro, o herói dessa tragédia, é a Europa. Não é à toa, pois, que o primeiro capítulo chama-se “Duas visões para a Europa”. Logo no início, o Euro é colocado em perspectiva, dentro do contexto do tenso processo de unificação europeia desde o fim da Segunda Guerra. O roteiro começa quando a Europa viu-se destruída pela Segunda Guerra e ameaçada pelo comunismo consolidado no Leste. Foi nesse momento que a ideia de apenas uma unificação da região poder ser capaz de evitar ambos os males consolidou-se como único caminho possível.

Porém, a história da Europa possui tradições distintas e conflitantes quanto ao estabelecimento de uma ordem comum. Haveria o momento em que seria impossível adiar-se uma decisão sobre qual dos rumos a Europa finalmente adotaria. Por algum tempo, a tensão entre as duas compreensões permitiu que o grupo mais reticente a mudanças bruscas, localista, assumisse as rédeas do processo de integração. Não havia as condições necessárias para que aqueles defensores da unificação absoluta alcançassem proeminência, mas suas intenções eram de conhecimento público e suas ideias eram defendidas e propagadas em diversos fóruns. Estavam preparados para agir no momento adequado. A tese de Bagus é que a imposição de uma moeda única para todos os países do

¹ Sendo uma tragédia, esta resenha argumentará que o livro de Bagus realmente traz em si todos os elementos que, segundo Aristóteles (384-322 a.C.), compõem esse tipo literário: enredo, personagem, tema (lição ou moral), dicção, música e espetáculo. ARISTÓTELES. *Poética*, 1.1.

continente, o objetivo final do Euro, foi vendida como um compromisso entre as duas cosmologias, porém ela está inserida apenas num dos modelos de Europa. A criação do Euro é a consolidação do fato de que a liderança do processo de integração passou a estar com o movimento que pretende fazer da Europa um estado.

Segundo Bagus, a tragédia baseia-se na existência de duas compreensões díspares do que seria uma Europa unificada, e que essas lutavam por supremacia. Atualmente, após a criação do Euro, é perfeitamente identificável qual delas é a predominante, a que Bagus chama, primordialmente, de “visão socialista”; a “visão liberal clássica”, aquela que dominara os primeiros esforços de aproximação, encontra-se atualmente inclusive fora do horizonte político europeu. Os rótulos, porém não são importantes. Há de se enaltecer o autor por ter usado mais de uma etiqueta para denominar os lados em conflito, tendo em vista o alto grau de complexidade desses. O fundamental é que um dos lados baseia sua visão de Europa a partir de uma extrapolação do Estado unitário burocrático moderno, enquanto o outro busca inspiração na estrutura descentralizada medieval. Um busca o estabelecimento de um Estado europeu, enquanto o outro se contenta com uma institucionalização supranacional para resolução de conflitos.

Como o estabelecimento de uma moeda única é irrelevante para um dos dois projetos, mas absolutamente necessário para outro, uma análise econômica da Europa do Euro consegue iluminar questões que vão além da mera economia. A adoção da moeda única, mesmo que possa ser compatível com o que Bagus chama de “visão liberal clássica”, praticamente decretou o sepultamento do discurso unificador descentralizante. Chegou-se ao ponto que mesmo quando o eleitorado reforça a posição de que Bruxelas ultrapassou os limites, as lideranças ignoram o resultado das urnas e seguem implementando o projeto à revelia das pessoas; que se demonstraram incapazes de reagir a tal demagogia. Falta perspectiva aos europeus comuns. Hoje, os polos políticos praticamente resumem-se entre o estabelecimento de um Es-

tado Europeu com um governo central forte ou do completo abandono de uma ideia de Europa; o que na prática significa restar apenas uma opção politicamente viável para os moderados. Ainda assim, movimentos nacionalistas xenófobos, antieuropeus, vêm ganhando notoriedade em diversos países, com o aumento do eleitorado de partidos como o Front Nationale (França), Chrysí Avgí (Grécia), Jobbik (Hungria), UKIP (Inglaterra), PVV (Holanda), entre outros, aumentando a inquietação política na região. No fundo, é demagogia contra demagogia, o que poderia acabar por situar a Europa mais uma vez entre Cila e Caríades. Se a história do continente serve para ensinar-nos algo, é que sempre que a Europa viu-se em tal posição, a consequência foi muita dor e sofrimento para todos.

O Euro surgiu sob o argumento de que seria possível domá-lo, fazendo-lhe um Marco alemão com outro nome. Mas se era para ser um Marco – que possuía seus próprios problemas, registre-se –, Bagus pergunta-se, por que então não manter a antiga moeda? É essa questão que destrói o argumento de que o Euro nasce de um acordo entre as visões díspares da Europa. O Marco é extinto por ser o símbolo de que o modelo perdulário e populista vigente principalmente nos países mediterrâneos era pernicioso. Com a moeda única, perdeu-se a referência de sucesso, desapareceu a concorrência monetária. Ademais, devido às políticas do Banco Central europeu, agora é possível socializar o desperdício de dinheiro, o aumento da dívida dos governos nacionais ao obrigar a Europa a resgatá-los sempre que estiverem no limite de quebrarem. Há um estímulo ao desperdício. No atual arranjo, os países em que se trabalha e produz mais (leia-se Alemanha) sustentam os privilégios daqueles em que pouco ou nada se faz, apenas aumentando a tensão política no continente.

Ademais, Bagus ressalta, essa política é insustentável. A criação de dinheiro *ex nihilo* seja pela impressão direta, por compra de títulos públicos ou por empréstimos a descoberto feitos por bancos varejistas, não só gera inflação, como tem efeito altamente corrosivo quando a bolha inflacionária arrebenta. Bagus demonstra com propriedade que os

alicerces no qual a economia se sustenta são simplesmente inexistentes; e não apenas na Europa, como também nos Estados Unidos. Economicamente, o Ocidente – dos dois lados do Atlântico – plana sobre o éter, intoxicado com dinheiro fácil. Uma mudança, pois, só é possível com uma completa mudança dos paradigmas que justificam o atual estado-de-coisas. A principal qualidade da obra de Bagus é permitir que sua análise sobre a moeda oficial da União Européia² não perca contato com a realidade política que a abarca. Através da história monetária europeia recente, Bagus, ao fundo, revela sua preocupação com o futuro do seu próprio continente, ao mesmo tempo em que aponta o fato de que a experiência europeia não é exclusiva e que deve servir de alerta a todos os demais que seguem em direção semelhante.

É provável que ele desconheça quem tenha sido Robert H. Jackson (1892-1954), ministro da Suprema Corte dos Estados Unidos, mas em *A Tragédia do Euro*, Bagus acaba por repetir, com outros termos, o apelo proferido pelo magistrado em 1949: “a constituição não é um pacto suicida”. Logo, a unificação da Europa não poderia ter o fim da própria Europa como objetivo. No entanto, a condução das instituições políticas europeias contesta tal premissa, e é provável que em nenhum outro ponto isso seja mais visível que no plano econômico. Segundo Bagus, o Euro, como baluarte da Europa burocrática unificada, tornou-se a força-motriz a conduzir todo o continente ao abismo. Como não há tragédia sem um elemento de espetáculo, este é visível nas ruas, com o constante crescimento de mani-

² Mesmo que ela não seja imposta a todos os membros do bloco. Alguns, como o Reino Unido, não quiseram fazer parte da união monetária, outros não foram aceitos por não preencherem alguns requisitos mínimos exigidos.

festações e protestos contra qualquer reforma política ou econômica, movidos por xenofobia, antissemitismo, ressentimento de classe e/ou medo de perda de certos privilégios.

Que tal resultado era distinto daquele intentado pelos líderes europeus, isso não deveria surpreender. Numa tragédia, ocorre *peripeteia* quando uma *catastrophe*, isto é, uma mudança de sorte que coloca o protagonista em risco, resulta da ação desastrada do próprio herói. Bagus deixa o final para a imaginação de cada um, mas se o enredo trágico que ele narrou for completo, é possível saber o que ele espera acontecer. Apesar de os que governam a Europa e boa parte da população seguirem negando a raiz dos problemas, trabalhos como o de Bagus são fundamentais para *anagnorisis*, reconhecimento. Porém, tal reconhecimento apenas prepara o herói para o desafio final, em que tudo é decidido: a cena de sofrimento. O livro deixa tal final em aberto, limitando-se a listar possíveis desfechos, dependendo da manutenção ou da mudança do atual modelo vigente. O livro pára nas encruzilhadas em que a Europa, hoje, se encontra: se esfacela ou se mantém unificada; torna-se austera ou vai à bancarrota. Mas há uma razão para o pessimismo que Bagus procurou transparecer sem ter que mostrar, a necessária alteração do *ethos* vigente na Europa para que o continente aja em direção ao reto caminho é algo que demanda tempo; porém tempo é uma *commodity* que se revela cada vez mais escassa. Se Bagus estiver certo, o pior ainda está por vir. Porém, a grande lição que se pode tirar de *A Tragédia do Euro* é que nenhuma sociedade, nenhuma moeda, está a salvo de passar por problema semelhante. A realidade é ainda o melhor contrapeso à ação política, e a economia é um eficaz ponto-de-contato entre um e outro. ∞

Paulo Roberto Tellechea Sancho

Doutorando em Ciência Política na Catholic University of America

Mestre em Direito e especialista em Direito, Economia e Democracia Constitucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Especialista em Estudos Sociais, Econômicos e Políticos Avançados pelo Phoenix Institute da University of Notre Dame

Bacharel em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

sancho.brasil@gmail.com